



FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA VERDADES E NOVIDADES APÓS 80 ANOS

Giovanni Latfalla



Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar algumas pesquisas recentes relacionadas às negociações militares entre Brasil e Estados Unidos: a criação, formação e envio do 1º escalão da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para combater na Itália. São detalhes importantes desconhecidos sobre a campanha da tropa brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: Negociações, Força Expedicionária Brasileira, Segunda Guerra Mundial.

Abstract: This article aims to present some recent research related to military negotiations between Brazil and the United States, the creation, formation and dispatch of the 1st echelon of the Brazilian Expeditionary Force (FEB) to the Italian theater of operations. These are important unknown details about the Brazilian troop campaign in World War II.

Keywords: Negotiations, Brazilian Expeditionary Force, World War II.

INTRODUÇÃO

Passados mais de 80 anos após o seu início, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) continua sendo um dos assuntos mais estudados até os dias de hoje, pois, ainda existe muito a ser pesquisado. As suas consequências são sentidas até os dias de hoje. Comete um engano aquele, sendo historiador ou não, que pensa ser um tema pacificado, sem nenhuma novidade a ser encontrada. O mesmo pode se dizer quanto à participação do Brasil durante o conflito.

Pesquisas mais recentes, ligadas à atuação do Brasil na Segunda Guerra, demonstram que muitos acontecimentos ainda precisam de estudos mais aprofundados. É o caso da formação, preparação e embarque da Força Expedicionária Brasileira (FEB), um assunto ainda com muitas lacunas a serem preenchidas, apesar da extensa literatura existente oriunda de historiadores, pesquisadores e também de muitos de seus membros. Este trabalho é uma pequena contribuição para a elucidação de fatos desconhecidos sobre a atuação heroica de nossa FEB.

O PROCESSO DE NEGOCIAÇÃO ENTRE O BRASIL E OS ESTADOS UNIDOS

Desde antes mesmo de serem atacados pelo Japão, em Pearl Harbor, em dezembro de 1941, os Estados Unidos (EUA) já estavam em negociações com o governo brasileiro para um possível apoio em caso de um novo conflito mundial. Desde 1938, o saliente nordestino era visto pelos estrategistas norte-americanos como vital para a defesa da América, daí o interesse em uma aliança com o Brasil em uma guerra que se aproximava (Conn; Fairchild, 2000, p. 34).

O processo de alinhamento teve um incremento a partir da visita do futuro chefe do Estado-Maior do Exército dos EUA ao Brasil, general George Marshall, no primeiro semestre de



1939, e logo a seguir continuou com a visita do chefe do Estado-Maior do Exército do Brasil, general Góes Monteiro aos Estados Unidos (Latfalla, 2023b, p. 328). Teve início um longo processo de negociação cheio de dúvidas, com os norte-americanos desconfiados da tendência germanófila de autoridades e militares do Exército, e os brasileiros preocupados com as verdadeiras intenções das autoridades dos EUA. Os militares norte-americanos queriam enviar tropas para proteger o saliente nordestino, e os militares brasileiros, material bélico para equipar e modernizar as nossas Forças Armadas, e de maneira alguma permitir a entrada de efetivos militares dos EUA (Conn; Fairchild, 2000, p. 327).

Além das negociações a respeito de um possível apoio brasileiro, os norte-americanos chegaram a convidar o Brasil, em 1941, para enviar tropas para a Guiana Holandesa, para ajudá-los na proteção das minas de bauxita (Latfalla, 2023a, p. 23-50), e também para o arquipélago português dos Açores (Latfalla, 2022, p. 119-153) outro ponto sensível para o governo dos EUA. As relações históricas entre Brasil e Portugal eram consideradas nesta questão. Entretanto, nenhuma das duas propostas foi aceita pelo governo brasileiro, que se manteve neutro até a Conferência do Rio de Janeiro, no início de 1942. Este evento foi realizado em virtude do ataque japonês aos EUA, e o Brasil junto com a maioria das nações da América rompeu relações com o Eixo.

Os contatos entre as duas nações foram intensificados com a criação de duas Comissões Mistas, em 1942, uma em Washington, e a outra no Rio de Janeiro. O uso da base aérea de Natal pelos EUA foi uma demonstração do apoio brasileiro à causa Aliada, mas, somente após os ataques e afundamentos de navios brasileiros pelos submarinos alemães e italianos, levou o Brasil a declarar guerra ao Eixo no dia 30 de agosto de 1942. Mas, em todo o processo de negociação com os EUA, no convênio assinado em 1942 não estava previsto o emprego de tropas brasileiras fora do continente americano. Como isso foi alterado?

AS PRIMEIRAS PROPOSTAS PARA O ENVIO DE TROPAS BRASILEIRAS

Após a declaração de guerra ao Eixo, e de acordo com a documentação encontrada em nossa pesquisa no *National Archives II*, nos EUA, em 2015, a proposta inicial para um possível emprego de tropas brasileiras fora do continente americano partiu do adido norte-americano no Brasil, coronel Claude Adams, datada de 06 de outubro de 1942. Ele escreveu que:

Como solução parcial para comprometer definitivamente o Brasil com a causa Aliada e para afastar o pensamento do elemento pró-Eixo do Exército qualquer dúvida quanto a sua aliança duradoura, sugere-se que se pense no uso de uma Divisão Brasileira ou Brigada separada em combate, possivelmente em alguma frente na África.

Adams escreveu ainda que o inconveniente deste plano seria a necessidade de armar e equipar as tropas brasileiras com o mais moderno do arsenal norte-americano. Ele também informou sobre a hipótese do Exército derrubar o presidente Vargas, no caso de uma vitória alemã na URSS, e passar a apoiar o Eixo. Ao final, colocou que esta era a sua opinião pessoal, e que a população brasileira não aceitaria esta mudança para o lado da Alemanha¹.

¹ National Archives. Record Group 165. Employment of Brazilian Troops. Coronel Claude Adams, Military Attache, Brazil. To Chief, Military Intelligence Service. War Department. Rio de Janeiro, 06-10-1942, p.1.

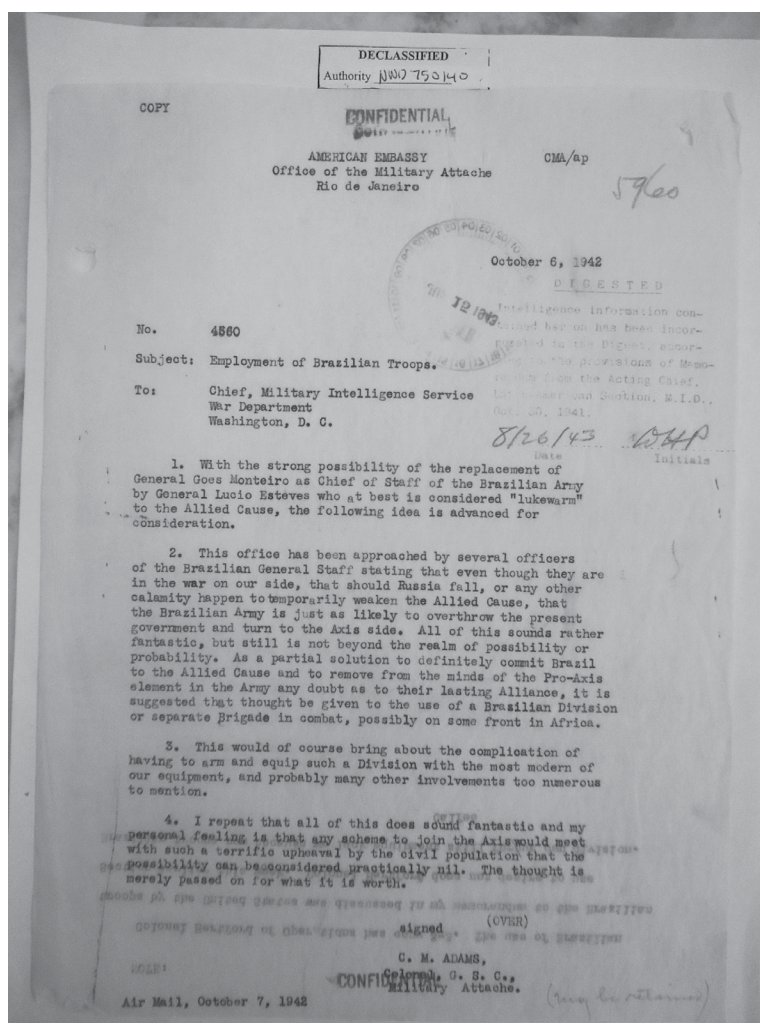


O interessante é que, nesta data, outubro de 1942, os norte-americanos ainda não haviam invadido o norte da África. A Operação Tocha teria início em 08 de novembro de 1942. Aliás, de acordo com uma fonte norte-americana, após o início desta operação, o Departamento de Estado sugeriu que um batalhão brasileiro fosse enviado para o local, o que não foi implementado. Após estudar a sugestão, o Exército dos EUA:

[...] contestou argumentando que para mandar os brasileiros seria necessário mandar tropas de outros países da América Latina, e nenhuma poderia ser mandada antes que fossem supridas, reequipadas e apropriadamente treinadas (Conn; Fairchild, 2000, p. 395).

Outro detalhe que chama a atenção, é a dúvida do adido militar na perspectiva dos EUA em fornecer o material bélico moderno para equipar a tropa brasileira, problema esse que persistiria inclusive na Itália.

O documento inédito é o primeiro escrito em que aparece a sugestão para o emprego de tropas brasileiras fora do continente americano, e pode ser considerado, até o momento, como a certidão de nascimento da FEB. De acordo com Alves (2007, p. 77 e 226-227), o comando militar dos EUA, nesta oportunidade, não aceitou esta proposta.





Em novembro de 1942, outra sugestão para o possível emprego de tropas brasileiras, mexicanas e cubanas no norte da África, veio do então embaixador norte-americano em Madrid, Carlton Hayes. Ele achava que isso causaria uma forte impressão na Europa, e mostraria que estes países estavam participando efetivamente da guerra. O presidente Roosevelt enviou esta sugestão para ser estudada pelos Departamentos de Estado e da Guerra².

Em princípio, o governo brasileiro somente ficou sabendo de um possível interesse norte-americano para o envio de tropas em dezembro de 1942, quando o general Leitão de Carvalho, chefe da Comissão Brasileira em Washington, em uma reunião, foi alertado por um almirante norte-americano sobre a possibilidade do emprego de unidades militares brasileiras em futuras ofensivas contra o Eixo, já que as ameaças ao saliente nordestino haviam diminuído com a invasão Aliada do norte da África³.

VARGAS DECIDE ENVIAR TROPAS PARA A GUERRA

Aqui no Brasil, mesmo com o país em guerra com o Eixo, a postura do presidente Vargas foi contraditória. De acordo com as anotações do general Dutra, em 10 de dezembro de 1942, durante um despacho com Vargas, este se mostrou contrariado com declarações feitas pelos generais Mascarenhas de Moraes e Amaro Bittencourt, que opinaram sobre o envio de tropas brasileiras para atuarem fora da América. Vargas afirmou também que o Brasil não possuía qualquer compromisso com os EUA sobre esta possibilidade e que, até aquele momento, os norte-americanos não haviam feito pedidos e sugestões sobre isso. Getúlio estranhou esta postura belicosa do general Mascarenhas, que havia pedido para ser substituído no comando da 7ª Região Militar, em Recife, por estar com problemas de saúde. Vargas solicitou a Dutra que mostrasse aos generais envolvidos a conveniência de uma maior discrição em assuntos delicados como este. (Leite; Novelli, 1983, p. 553-554)⁴.

Dutra escreveu que foi questionado pelo presidente, em 24 de dezembro, a respeito da cooperação militar brasileira com os EUA, fora do continente, e afirmou que com o envolvimento do Brasil no conflito, este estaria sujeito a todas as consequências da guerra. Nessa oportunidade disse que se o país tivesse que atuar na Europa ou na África, não deveria se contentar com uma cooperação ou representação simbólica, mas com uma força eficiente, algo que naquele momento não era a situação das Forças Armadas do Brasil. Getúlio respondeu que não concordava com a participação militar do Brasil fora do continente, pois o país não havia assinado nenhuma convenção a respeito disso, e os EUA também não haviam solicitado o mesmo. Uma semana depois ele tomou nova direção, pois no discurso de final de ano para as Forças Armadas, em 31 de dezembro de 1942, afirmou:

Estamos em guerra, correndo os seus riscos e sofrendo as suas provações. Não tem sido pequeno o cociente do nosso tributo em vidas e bens perdidos. Isso, porém, não nos entibia o ânimo; ao contrário, exalta o nosso ardor combativo. Cumpriremos até ao fim os nossos compromissos na

² Telegrama do embaixador do EUA na Espanha, Carlton Hayes para o Departamento de Estado. Madrid, 15/11/1942. Franklin D. Roosevelt. Arquivo do Secretário do Presidente, 1933-1945. Box 50, Spain 1940-1945, p.65-66.

³ Relatório Geral do Chefe da Delegação Brasileira à Comissão Mista de Defesa Brasil-EUA, general Estevão Leitão de Carvalho. Washington, DC, 1945, p. 91. Secreto. Arquivo Histórico do Exército. Documentos da Comissão Mista Brasil-EUA.

⁴ Arquivo Eurico Dutra – Vida Pública. CPDOC. Ed vp 1940.11.01. Págs. 48 e 49. Notas sobre a organização da FEB.



defesa continental. Não é possível prever, contudo, o desenvolvimento da luta e até onde poderá levar-nos. Explica-se, por isso, o persistente empenho de nos aparelharmos para uma intervenção mais ampla, se tanto for necessário. O dever de zelar pela vida dos brasileiros obriga-nos a medir as responsabilidades de uma possível ação fora do Continente. De qualquer modo, não deveremos cingir-nos à simples expedição de contingentes simbólicos. Queremos ser eficientes e, para isso, precisamos dispor de forças completamente treinadas e aparelhadas, aguardando a marcha dos acontecimentos, que determinará a forma e o lugar onde tenham de operar⁵.

No dia 6 de janeiro de 1943, o general Dutra escreveu ao presidente Vargas, uma exposição de motivos a respeito da criação da força expedicionária, sugerindo algumas medidas para serem tomadas, dentre elas, antes do envio da tropa para o exterior, da manutenção da ordem interna e externa do país. Ele ainda estava preocupado com a postura da Argentina e do Chile, de grupos de direita e esquerda, e de imigrantes, descendentes e simpatizantes das nações do Eixo (Leite; Novelli, 1983, p. 576-579).

O general Dutra afirmou que, antes da organização da tropa expedicionária, fosse preparada uma força similar para garantir a soberania e o território. Ele também fez algumas indicações sobre o efetivo da força expedicionária, seu armamento e o período necessário de tempo para a sua organização e adestramento. Dutra também procurou enfatizar todas as deficiências do EB naquela oportunidade, incluindo o sério problema do recrutamento e, no final, escreveu:

Fica, pois, traçado nas linhas acima, Senhor Presidente, o panorama da nossa atual situação e os fatores que condicionam o envio de qualquer expedição nacional para os teatros exteriores de luta da presente Guerra Mundiais. Entretanto, acho, para finalizar, que seria ainda bem oportuno lembrar a Vossa Excelência a fraqueza congênita dos nossos soldados, fisicamente debilitados, para os quais nem todos os teatros de operações convêm, sendo, portanto, de toda conveniência irmos desde já estudando o problema, mandando para isso, se se fizer mister, e desde já, oficiais nossos para os diferentes teatros de guerra da frente europeia a fim de examinarmos in loco as condições de emprego de nossas forças (Leite; Novelli, 1983, p. 579-582).

De maneira equivocada, o envio de tropas brasileiras para lutar fora do continente está relacionado à reunião ocorrida em Natal, em fins de janeiro de 1943, entre Vargas e Roosevelt. Durante a mesma, o presidente brasileiro ofereceu o emprego de nossos soldados, mas Roosevelt não aceitou, e propôs um possível emprego de unidades brasileiras nos Açores, como já havia feito em 1941 (Leite; Novelli, 1983, p. 542, 587-588). O presidente norte-americano disse ao embaixador Caffery que as autoridades militares dos EUA não queriam a presença de tropas brasileiras no norte da África⁶.

Com o passar dos primeiros meses de 1943, as negociações para o envio da futura FEB evoluíram. A primeira reunião agendada para tratar deste assunto ocorreu em 14 de maio de 1943, com a presença dos generais Dutra e Leitão de Carvalho, pelo Brasil, e o general Ord, pelos

⁵ O Pensamento Político de Getúlio Vargas. Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e Museu Júlio de Castilhos, realizadores. Porto Alegre/RS, 2004. <http://www2.al.rs.gov.br/biblioteca/LinkClick.aspx?fileticket=1qGzSauxIbI%3D&tabid=3101&language=pt-BR>

⁶ Telegrama do embaixador dos EUA no Brasil, Jefferson Caffery, para o Departamento de Estado. Rio de Janeiro, 26-04-1943. Franklin Delano Roosevelt, documentos como presidente: Arquivo do secretário do presidente, 1933-1945. Box 24, Brasil, página 55.



EUA. Foi aceita a proposta apresentada pelo general Ord, que previa o emprego de um Corpo de Exército, com três Divisões de Infantaria, e elementos orgânicos do mesmo, com Artilharia, Engenharia, Transmissões, Saúde e Forças aéreas correspondentes. Também ficou decidido que oficiais brasileiros fariam cursos e estágios nos EUA. Quanto à entrega de material, ficou acertado que seria entregue 50% do equipamento de uma Divisão para treinamento aqui no Brasil, e o restante no local de destino. Importante notar que foi prometido que em três meses seriam fornecidos os fuzis *Garand*⁷.

Nas fontes pesquisadas, observa-se que a proposta inicial apresentada pelo Brasil previa a composição da força expedicionária com seis divisões, sendo quatro de infantaria, uma de Infantaria Motorizada, e uma Motomecanizada. Esta proposta foi considerada como forte pelos norte-americanos⁸.

Em maio de 1943, o general Dutra sugeriu ao presidente Vargas, através da exposição de motivos secreta, nº 51-22, um suplemento ao acordo militar assinado entre os dois países firmado um ano antes. Vargas havia autorizado a preparação de um corpo expedicionário, mas exigia o recebimento de material bélico para a tropa expedicionária e também para a defesa do território⁹. O ministro da Guerra, dentre outras indicações, deu a sua opinião do local onde deveria ser empregada a tropa brasileira ao escrever: “[...] c) assentar, por uma questão condição de clima e condições mesológicas, que, em princípio, o emprego de nossa força expedicionária, se restrinja à região sul mediterrânea da Europa”¹⁰.

Procurar resolver a questão do local do possível emprego da tropa brasileira era necessária, pois, o ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, chegou a indicar para o embaixador dos EUA, Jefferson Caffery, que a FEB poderia ser utilizada em qualquer local, conforme indica a fonte abaixo:

Senhor: tenho a honra de informar que Aranha me disse esta manhã que estão em andamento os preparativos para a preparação das forças expedicionárias brasileiras para o exterior. Eles podem ir para a África, Europa, Ásia ou para onde você quiser, disse ele. Ele acrescentou que o general Dutra está autorizado a discutir detalhes em Washington¹¹.

O GENERAL MASCARENHAS DE MORAES COMEÇA A ORGANIZAR A 1ª DIVISÃO DE INFANTARIA EXPEDICIONÁRIA

Em agosto de 1943, foram traçadas as primeiras normas para a organização da Força Expedicionária, pela Portaria Ministerial nº 47-44. O ministro da Guerra convidou, no dia 9 de agosto, o general Mascarenhas de Moraes para comandar a tropa brasileira, sendo o convite aceito um dia depois.

⁷ Sumário dos Assuntos Tratados e decisões firmadas. 1ª Reunião. Secreto. Rio de Janeiro, 14/05/1943, p.1-2. AHEx. Documentos da Comissão Mista Brasil-EUA.

⁸ Idem, p. 3.

⁹ Do Secretário Geral ao Presidente Vargas. Novo Acordo Político- Militar com os Estados Unidos da América. Secreto. Rio de Janeiro, 02-06-43, p.134 e 135. Arquivo Nacional: Documentos do ano de 1943. Secretaria Geral da Presidência da República. file:///C:/Users/Usuario-PC/Desktop/ARQUIVO%20NACIONAL/Arquivo%20Nacional%201943.pdf

¹⁰ Ibid. p.2.

¹¹ Foreign Relations to United States. Brazil. Cooperation between the United States and Brazil on certain Measures for Hemisphere Defense. The Ambassador in Brazil to the Secretary of State. Rio de Janeiro, July, 31, 1943.



O general Mascarenhas de Moraes disse que, a seu ver, a primeira referência oficial a respeito do envio de uma força expedicionária para lutar fora do continente americano foi feita durante a visita do general Dutra, aos Estados Unidos, iniciada em Miami, em agosto de 1943 (Moraes, 2005, p. 25).

De acordo com o cônsul geral brasileiro, Alfredo Polzin, Dutra, após a recepção militar, deu uma entrevista coletiva para a imprensa, e de acordo com ele:

Sua excelência teceu considerações gerais sobre a ação do Brasil na guerra, deixando transparecer que a participação do Exército Brasileiro na frente de combate era um desejo do nosso governo, referindo-se mesmo a tendência, agora existente no país de tornar efetiva a aliança militar e declarou ainda que o Brasil deseja que não seja apenas “simbólica e inexpressiva”. Apesar de ter Sua Excelência evitado de responder diretamente a primeira pergunta feita pelos jornalistas sobre a data e condições do envio do corpo expedicionário brasileiro à frente de batalha, a entrevista causou uma ótima impressão na imprensa, que dedicou ao general Gaspar Dutra e a sua visita a este país vários artigos de destaque encabeçados por fotografias de sua chegada¹².

De acordo com Silva (1974, p. 217), em outubro de 1943 o adido militar, coronel Adams, recebeu um telegrama de um oficial da Comissão Mista, que lhe perguntou como seria recebida no Brasil a proposta do envio de uma divisão para o norte da África, para treinamento, e que, posteriormente, outra divisão seria enviada para o mesmo fim. Caso a resposta fosse afirmativa, o Estado-Maior Conjunto seria certificado. De acordo com uma fonte, o presidente Vargas, gostou e aceitou a sugestão para o envio de uma divisão para o norte da África¹³. Entretanto, militares do Departamento de Guerra dos EUA não concordaram com esta proposta, por causa das dificuldades de transporte, e também porque a outra divisão ainda demoraria muito para estar em condições de ser enviada para o front¹⁴.

No dia 7 de outubro, o general Mascarenhas de Moraes foi designado para organizar a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE), cujas unidades componentes deveriam permanecer, enquanto isso, no âmbito de seus comandos normais até ordens futuras (Caminha, 2015, p. 28).

Foram também expedidas e determinadas as primeiras normas para a transformação dos efetivos da 1ª DIE, visando a adaptação dos quadros de organização e efetivos ao modelo dos EUA, pois o Exército Brasileiro durante muitos anos adotara a doutrina militar francesa (Moraes, 1960, p. 10).

O marechal Mascarenhas de Moraes relatou, em uma de suas obras, todas as dificuldades que teve para começar a organizar a Força Expedicionária Brasileira, nos meses finais de 1943, com tempo e recursos bastante exíguos. Podemos citar como exemplo, que o equipamento bélico norte-americano a ser utilizado também era desconhecido em nosso Exército (Moraes, 1960, p. 9-13).

¹² Do cônsul geral, Alfredo Polzin, ao Ministro de Estado das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha. Visita do Ministro da Guerra aos Estados Unidos. Miami, 10-08-1943, p.1. AHEX. Documentos da Comissão Mista Brasil-EUA.

¹³ Foreign Relations to United States. Brazil. Cooperation between the United States and Brazil on certain Measures for Hemisphere Defense. The Ambassador in Brazil to the Secretary of State. Rio de Janeiro, October, 04, 1943.

¹⁴ Foreign Relations to United States. Brazil. Cooperation between the United States and Brazil on certain Measures for Hemisphere Defense. The Ambassador in Brazil to the Secretary of State. Rio de Janeiro, October, 06, 1943.



Em dezembro, ele e outros oficiais fizeram uma visita ao Teatro de Operações do Mediterrâneo para conhecer a realidade da guerra, e estabelecer relações pessoais com os norte-americanos, antes da chegada do efetivo brasileiro. Um grupo de militares brasileiros ficou junto ao Quartel-General do V Exército, atuando como observadores militares para facilitar a futura atuação da FEB (Moraes, 1960, p. 14).

Com o retorno do general Mascarenhas ao Brasil, foram tomadas as providências para a concentração da Divisão Expedicionária no Rio de Janeiro. As dificuldades continuaram na seleção física, e no recrutamento dos especialistas e artífices. A tradução dos manuais norte-americanos também foi algo que tornou árduo o bom andamento da instrução e treinamento, apesar da contribuição de muitos oficiais que conheciam o idioma inglês (Moraes, p. 15-16).

Em julho de 1944, apesar dos muitos problemas, o 1º escalão da FEB estava aguardando o embarque para a guerra. O surpreendente é que o ministro Dutra, em abril de 1944, tinha a expectativa de enviar três divisões de infantaria para a guerra, ou seja, ele estava muito fora da realidade, conforme se observa em um trecho de uma carta enviada ao general Góes Monteiro, que estava no Uruguai, datada de abril de 1944, 90 dias antes do embarque da FEB: “[...] A 1ª DIE está, por bem dizer, pronta em condições de embarcar a partir de maio próximo vindouro. Ativaremos em seguida a DIE do Nordeste que, pouco a pouco, já se vem aprestando. A 3ª DIE, como sabes, sairá da 5ª RM”¹⁵.

OS OBSERVADORES MILITARES DO EXÉRCITO

Após o encontro dos presidentes Vargas e Roosevelt em Natal, em fins de janeiro de 1943, mas não por causa dele, foi implementada uma importante medida para uma maior aproximação militar entre as duas nações, que foi o envio de observadores militares brasileiros para acompanhar as forças norte-americanas no Teatro de Operações do Mediterrâneo. Como o Brasil pretendia enviar unidades militares para o *front*, era necessário adotar a doutrina militar dos EUA da maneira mais rápida possível.

O primeiro observador militar enviado pelo Brasil foi o brigadeiro Eduardo Gomes, que esteve no norte da África, região que ainda não havia sido totalmente conquistada pelos Aliados. A seguir, outras missões de observadores militares foram enviadas, onde destacaremos a seguir, as ligadas ao Exército.

Com o brigadeiro Eduardo Gomes ainda em visita ao *front* no norte da África, teve início em março de 1943, uma missão chefiada pelo tenente-coronel Aurélio de Lyra Tavares, aos quartéis-generais do V Exército dos EUA, e das forças francesas naquela região. Importantes informações foram colhidas desta missão como o interesse do general Mark Clark, comandante do V Exército, em receber tropas brasileiras (Tavares, 1976, p. 162).

Já os relatórios enviados ao Brasil alertavam para uma série de dificuldades que ocorreriam para equipar e enviar a FEB, podendo citar algumas do relatório enviado após o encontro com os franceses:

¹⁵ Arquivo Eurico Dutra – Vida Pública. CPDOC. Ed vp 1940.11.01. Págs 55 e 56. Carta ao general Góes Monteiro. Rio de Janeiro, 03/04/1944.



- 1 – as dificuldades das comunicações do norte da África com o Brasil;
- 2 – a prioridade de se treinar e equipar 300.000 soldados franceses com material bélico dos EUA;
- 3- a inadequação dos uniformes brasileiros para aquela região¹⁶.

Os relatórios dos contatos com os militares norte-americanos, também trouxeram valiosas informações como:

- 1 – os observadores elogiaram a recepção que tiveram do general Mark Clark; 2 – a total mecanização da guerra; 3 – a necessidade de período intensivo de treinamento; 4 – a importância da tropa ter boas condições de saúde; 5- a má qualidade dos uniformes brasileiros; 6 – a questão do reabastecimento da tropa brasileira atuando em outro continente, e, como os franceses, na total dependência dos norte-americanos; 7 – os observadores militares acharam que a tropa brasileira seria formada por um pequeno efetivo, e atuaria na região marroquina¹⁷.

Um dos militares que participou da missão do tenente-coronel Lyra Tavares, foi o então capitão, depois promovido a major, Antônio Henrique Almeida de Moraes. Este oficial também esteve na comitiva da citada visita do general Mascarenhas de Moraes no norte da África e Itália, e foi um dos observadores militares que ficaram junto aos norte-americanos, vindo em 1953 a escrever um livro, *No Teatro do Mediterrâneo*, prefaciado pelo comandante da FEB, com preciosas informações sobre o envio e chegada da FEB para a Itália. O militar acompanhou batalhas violentas como Anzio e Monte Cassino, na Itália. Esta missão do referido oficial começou em dezembro de 1943, e terminou em 16 de julho de 1944.

Em 10 de fevereiro de 1944, o major Almeida de Moraes (1953, p. 95-96), fez a seguinte anotação:

[...] O desenvolvimento das ações do II Corpo de Exército, em Cassino, e as observações diretas, junto aos diferentes escalões em combate, levando ainda em contas as condições meteorológicas, causam-me certa apreensão relativamente aos meus compatriotas que se estão preparando, no Brasil. De um lado, a natureza acidentada do terreno, a neve, as chuvas continuadas e o intenso frio e, de outro, um inimigo tenaz e muito experimentado. Tudo isso, ainda, aliado a enorme distância que nos separa da Pátria e consequente isolamento no seio de povos e exércitos estrangeiros.

Todos estes fatores tem tido profunda repercussão no ânimo de todos os combatentes aliados. Naturalmente, o nosso soldado não será imune a essas condições adversas. Agora mesmo, entre os combatentes dos 34º e 36ª D.I., há regular número de casos de “pé gelado” (*trench foot*), e outros ocasionados pela “nevrose de guerra” (*exhaustion*). Nos contatos periódicos que tenho tido com o meu dedicado companheiro de Missão, Coronel Dr Marques Porto, abordamos esses graves problemas e não cessamos de alertar os nossos Chefes cuja responsabilidade está sendo grande na organização e preparação da FEB, no Brasil. Habitado a um clima tropical, o nosso soldado forçosamente sentirá as durezas do inverno europeu, excessivamente frio e chuvoso, como ele nunca viu antes.

O problema dos uniformes constitui outro ponto de grande importância, pois os que trouxe do Brasil comigo, não oferecem nenhuma proteção

¹⁶ Dos Observadores Militares junto ao Q.G do general Giraud, ao Exmo Sr Ministro da Guerra. Secreto. Argel, 03-04-1943, p.1,2 e 3). AHEx. Documentos da Comissão Mista Brasil-EUA.

¹⁷ Dos Observadores Militares junto ao Q.G do Exército Americano na África do Norte, ao Exmo Sr General de Divisão Ministro da Guerra. Rio de Janeiro, data ilegível, p.1 a 5. AHEx. Documentos da Comissão Mista Brasil-EUA.



alguma contra os ventos gelados da Itália. No meu último relatório, salientei, com ênfase, todos os pontos capitais. Não desejo salvar responsabilidades, mas agir, efetivamente, no sentido de preservar a nossa Força Expedicionária contra esses inconvenientes.

A questão da precariedade dos uniformes brasileiros foi mais uma vez salientada, assim como as dificuldades a serem encontradas contra o inimigo, e também nas difíceis condições do terreno e do clima da Itália.

No princípio de abril de 1944, o major Almeida de Moraes recebeu ordens para se deslocar para Oran, na Argélia, para estagiar na base norte-americana. Neste local, ele foi informado por um general norte-americano, que eles ainda não tinham informações sobre a chegada da tropa brasileira. Ele observou que os norte-americanos estavam em condições de prestar toda assistência para a FEB, como haviam feito com algumas unidades francesas, e visitou locais propícios para receber a tropa brasileira (Moraes, 1953, p. 123-126).

Almeida de Moraes detalhou como foi realizada a assistência técnica feita pelos norte-americanos junto às unidades francesas. Foi criada uma Comissão Mista de Rearmamento, que organizou vários centros de instrução, onde foram ministrados cursos de Motomecanização, Material Bélico, Engenharia, Artilharia de Campanha, Artilharia Antiaérea, Guerra Química, Transmissões e Saúde, que seriam muito importantes para o treinamento da FEB (Moraes, 1953, p. 126-130).

Ele também fez um estágio em uma unidade francesa, a 9ª Divisão de Infantaria Colonial, iniciado em 19 de abril de 1944, e teve conhecimento dos atrasos nas entregas de material, tais como viaturas, e o não recebimento de fuzis *Garand*. Em 2 de maio, retornou para Argel (Moraes, 1953, p. 131-132).

No dia 3 de maio, o coronel Higgins, dos EUA, disse ao major Almeida de Moraes sobre um telegrama do Brasil que informava sobre a chegada próxima do general Zenóbio da Costa, em Argel. O major disse ao coronel que não sabia da chegada do general Zenóbio, mas que ele era o subcomandante da Divisão Expedicionária Brasileira, e que estaria vindo como tal. Higgins disse que desconhecia esta informação (Moraes, 1953, p. 136-137).

No dia 11 de maio de 1944, Almeida de Moraes escreveu:

Fui chamado, hoje, ao Quartel General Aliado, sendo recebido pelo general Foster (norte-americano), que me comunicou haver recebido de Washington um telegrama anunciando a próxima chegada da FEB, em dois escalões. O primeiro constituído de um Grupamento Tático (reforçado), em meados de julho, e, o segundo, com o restante da Divisão, no decorrer do mês de outubro, tudo de acordo com as disponibilidades de transporte. Recomendou-me que se tratava de um documento ultrassecreto ("*Top Secret*") e, assim deveríamos manter o máximo sigilo. Em seguida, formulou perguntas sobre o grau de treinamento da tropa brasileira, declarando que outros oficiais daquela seção deveriam entrar em contato comigo, a fim de estabelecer um plano de instrução para a nossa Divisão. Perguntei como seria recebido o material para a Divisão brasileira e onde ela deveria estacionar, para completar a instrução. Respondeu que nenhuma indicação podia dar-me, uma vez que a respeito ainda estava aguardando instruções complementares de Washington. Tal comunicação, embora sem pormenores que permitissem providências mais firmes, encheu-nos de satisfação, pois a partir daquele momento iríamos trabalhar mais objetivamente, aplicando as observações e ensinamentos colhidos na Itália, e, agora, nas próprias Unidades e Escolas existentes na África do Norte. Fui também procurado pelo



tenente-coronel Clark (norte-americano), da 3ª Seção do Q.G Aliado a fim de tratar de assuntos relativos a instrução da FEB. Ficou então assentado que a Divisão brasileira teria a sua instrução completada nos mesmos moldes das suas congêneres francesas e norte-americanas que haviam passado pela África do Norte (Moraes, 1953).

As informações recebidas por Almeida de Moraes, em parte, eram corretas, pois, o general Zenóbio da Costa seria o militar que comandaria o 1º escalão da FEB, já que o general Mascarenhas de Moraes viria depois. A data do embarque também estava correta: em meados de julho. Outro ponto importante a ser assinalado foi o contato iniciado para o trabalho conjunto entre militares dos dois países para a instrução da tropa brasileira. Em, 22 de maio, o militar brasileiro solicitou, e recebeu autorização para estagiar junto à 91ª Divisão dos EUA, que estava em treinamento, e a caminho da Itália (Moraes, 1953, p. 138-143).

Faltando 11 dias para o embarque do 1º escalão, Almeida de Moraes fez o seguinte relato no dia 22 de junho de 1944:

Desde a chegada do Cel. Paca, estamos em ativa ligação com o Comando Aliado do Mediterrâneo, em particular, a Base Norte-Americana, a fim de preparar a chegada da FEB. Tivemos, hoje, uma reunião, com o Ten.Cel Shaw (norte-americano), na qual foi discutido o programa de treinamento da Divisão Brasileira. Esse oficial integra o E. Maior do Gen. Kingman, Chefe da Comissão Mista de Rearmamento, que orientou a instrução das Divisões Francesas organizadas na África do Norte (Moraes, 1953).

Observa-se que, a poucos dias do embarque do 1º escalão da FEB, militares do Brasil e dos Estados Unidos no norte da África, aguardavam a chegada da tropa brasileira para colocar em ação o que haviam planejado. Eles não tinham conhecimento do que viria a acontecer.

AGUARDADO NO NORTE DA ÁFRICA, O 1º ESCALÃO DA FEB EMBARCA PARA A ITÁLIA

Após uma sigilosa e complexa operação de embarque, as 6 horas da manhã do dia 2 de julho de 1944, 5.075 militares brasileiros do 1º escalão da 1ª DIE, embarcados no navio norte-americano *General Mann*, iniciaram a viagem para o *front*. Apenas o comandante, general Mascarenhas de Moraes, sabia o local para onde iria a tropa brasileira. Teve início então uma viagem de 14 dias até a chegada à Nápoles, na Itália.

O general Mascarenhas ficou sabendo do destino da FEB na hora do embarque. A decisão de ir direto para a Itália, provavelmente, veio do governo dos EUA (Silva, 1974, p. 236). Nesse sentido, a não ida para o período de treinamento no norte da África foi uma determinação de autoridades dos EUA. McCann (1995, p. 319), erroneamente, escreveu que a mudança do destino do 1º escalão ocorreu no deslocamento para Nápoles. O ex-chefe do Estado-Maior da FEB, coronel Lima Brayner (1968, p. 81), disse que, durante a visita do general Mascarenhas de Moraes ao Norte da África, em 1943, havia ficado combinado que as unidades brasileiras teriam o mesmo roteiro das norte-americanas enviadas ao teatro de operações do Mediterrâneo, ou seja, o treinamento na Argélia.

No momento em que a FEB já estava navegando para Nápoles, os observadores militares no norte da África, receberam novas ordens:



05 de julho de 1944:

Em virtude de ordem superior nos deslocamos, hoje, via aérea, de Argel para Nápoles. É que ficou decidido pelo Comando Aliado do Mediterrâneo que a Divisão Brasileira deveria desembarcar em Nápoles, a fim de completar seu treinamento na Itália, ao invés de fazê-lo na África do Norte, como fora projetado inicialmente. Nada justificava, de fato, o seu desembarque na África do Norte, quando as forças aliadas, na Itália, já se encontravam ao norte de Roma, em fase de perseguição aos alemães (Moraes, 1953, p. 147).

A partir desta data teve início uma corrida para receber a tropa brasileira em um local que não havia sido previsto no planejamento realizado. As dificuldades seriam enormes, pois a cidade de Nápoles estava devastada, e os observadores tiveram apenas 11 dias para cumprirem esta missão; a tropa brasileira chegaria no dia 16 de julho. Um tempo exíguo, em que era preciso tentar sanar as muitas adversidades que se apresentaram. Encontrar um local, de última hora, para abrigar mais de 5.000 homens e equipamentos não seria uma tarefa fácil.

Em contato com a base de abastecimento norte-americana (PBS: *peninsular base section*), o órgão provedor responsável pela área da Itália, ele observou que esta estava muito preocupada em abastecer o VII Exército¹⁸, destinado à invasão do sul da França, em detrimento do V Exército, que atuava ao norte de Roma, ao qual a FEB ficaria subordinada. Ele supôs, e veio a acertar, que a FEB seria prejudicada no recebimento de meios já previstos (Moraes, 1953, p. 147 e 148).

No dia 8 de julho, ele e oficiais da PBS fizeram um reconhecimento das áreas onde unidades que chegavam ficavam estacionadas, objetivando escolher a melhor possível para a FEB, sendo que a de nº 3, em Bagnoli, foi a escolhida. Ordens foram dadas no sentido de que o campo fosse preparado, ocorrendo a seguinte situação:

Quanto às barracas para praças e demais peças de equipamento individual, deixamos de aceitar o oferecimento, porque a notícia que havíamos recebido do Brasil era que a tropa da FEB vinha provida deste material (MORAES, 1953, p. 148).

Infelizmente, não foi isso que ocorreu. Ainda no dia 8 de julho, ele esteve na PBS:

[...] ficou estabelecido que deveríamos receber o mesmo número de viaturas normalmente atribuído as unidades de efetivos semelhantes, norte-americanas, quando chegam a Itália. Nessa ocasião, pleiteamos um reforço, dada a situação especial do escalão de forças em causa. A despeito da boa receptividade da nossa proposta, foi nos declarado que a prioridade para a organização do VII Exército acarretaria a absorção de todos os meios disponíveis de transporte, mesmo os mantidos em reserva. Combinou-se, então, que os meios em apreço seriam recebidos com os respectivos motoristas, na véspera da chegada da FEB (Moraes, 1953, p. 148-140).

No dia da chegada da FEB, 16 de julho, os brasileiros foram informados que o número de viaturas destinadas a tropa brasileira seria ainda menor, devido ao cumprimento de ordens superiores. De acordo com Moraes (1953, p.150), um comboio com apenas 24 viaturas seguiu

¹⁸ O VII Exército dos Estados Unidos também participou da Operação Dragão, a invasão do Sul da França na Segunda Guerra Mundial.

para Bagnoli. Um número insignificante. O autor não especificou quais eram estas 24 viaturas: se fossem caminhões, em cada um teriam que caber 211 soldados, e todo o equipamento, algo inviável de ser colocado em prática. A tropa brasileira teve que se deslocar a pé por vários quilômetros.

A grande verdade é que a FEB chegou na Itália em um momento inadequado. No dia que o 1º escalão embarcou para a Itália, 2 de julho de 1944, o Comando do Mediterrâneo recebeu a ordem para recomençar a preparação, e execução da Operação Dragão (antiga *Anvil*), a invasão do sul da França, que teria início no dia 15 de agosto. Todo o sistema norte-americano responsável pelo abastecimento na Itália estava envolvido no fornecimento de equipamentos, e material bélico para o VII Exército dos EUA, e para as diversas unidades francesas que participariam da operação, além de continuar com as suas missões junto às tropas que atuavam no *front* italiano.

A Operação Dragão envolveu mais de 800 navios, cerca de 366.000 homens, e mais de 56.000 veículos¹⁹. Para esta operação as unidades norte-americanas tiveram seus efetivos em homens e viaturas aumentados. As divisões de 25.000 para 45.000 homens, e o número de viaturas, de 4.000 para 8.000²⁰.

OS DIFÍCEIS PRIMEIROS DIAS DA FEB NA ITÁLIA



Fig. 1 – O general Mascarenhas é recebido pelo general Jacob Devers em Nápoles-
Fonte: Facebook: V de Vitoria

¹⁹ *The United States Seventh Army Report of Operations: France and Germany: 1944-1945.*

²⁰ *Report by the Supreme Allied Commander Mediterranean to the Combined Chiefs of Staff on the Operations in Southern France.*



Assim que o *General Mann* atracou em Nápoles, os observadores brasileiros subiram a bordo, e após os cumprimentos aos generais Mascarenhas e Zenóbio da Costa, tiveram a notícia de que a tropa não havia trazido barracas de campanha. Apesar dos esforços, parte da tropa passou a noite ao relento (Moraes, 1953, p. 151).

Subimos a bordo, a fim de cumprimentar os Generais Mascarenhas, comandante da FEB, e Zenóbio da Costa, comandante do 1º escalão, e dar-lhes ciência das medidas postas em execução para o recebimento da força. Tivemos então a notícia de que a tropa não havia trazido barracas de campanha. Este fato causou-nos apreensão, mas o oficial encarregado dessa parte, imediatamente se dirigiu ao Comandante da PBS, a fim de solucionar o problema assim criado. Infelizmente parte da tropa foi obrigada a passar uma noite ao relento, dada a impossibilidade de receber naquele mesmo dia, todas as barracas. Lamentamos a ocorrência que nada fora motivada por descuido ou falha dos oficiais da Missão Brasileira, pois havíamos sido notificados de que a tropa traria essa peça de equipamento individual.

Sobre toda esta situação desagradável, o general Mascarenhas (2014, p. 176-177) escreveu:

A tropa se dirigiu para o seu estacionamento em Agnano, distante de Nápoles cerca de vinte minutos de automóvel, fazendo parte do trajeto a pé e parte por via férrea. Eu, meu Chefe de Estado-Maior e os meus ajudantes de ordens alojamo-nos no Parco Hotel, também chamado Albergo Parco. A área de estacionamento estava situada em aprazível bosque que cobria a ampla cratera do vulcão Astrônia e serviu de local de para os reis da Itália. A área não estava preparada para receber a tropa. Não havia barracas para praças, nem cozinhas. A tropa bivacou e consumiu ração de reserva tipo C, americana. Noite terrivelmente fria constituiu uma rude prova para nossa gente.

E o resultado da tropa sem viaturas, armas e com fardas inadequadas foi:

Para alcançar a zona de estacionamento, a tropa percorreu 25 km, parte de trem, parte a pé. Os oito quilômetros, do cais do porto a estação ferroviária, a pé, foram feitos em meio a curiosidade popular que nada tinha de simpática. E como a tropa estava desarmada e desequipada, com a fisionomia macambúzia e assustada, muitos populares indagavam: São prisioneiros? (Brayner, 1968, p. 109-110).

No dia seguinte ao desembarque da FEB, os generais Mascarenhas e Zenóbio, foram convidados para um almoço com o general Devers e outros quatro generais subordinados a ele: “A palestra mantida foi muito cordial, mas nada de claro e positivo nos foi prometido para a preparação de nossa tropa” (Moraes, 2014, p. 185).

No mês de junho, o general Mascarenhas de Moraes escreveu em uma carta ao presidente sobre a sua preocupação com o aparelhamento e representação da 1ª DIE, no exterior. Ele disse que os problemas a serem encontrados no exterior seriam ainda maiores do que aqueles ocorridos no Brasil. Ele escreveu ainda que apesar da atuação do general Dutra, a burocracia havia retardado muitas das suas determinações e decisões governamentais (Mattos, 1983, p. 115-116).

Um dos problemas foi quanto à qualidade do uniforme da tropa brasileira, algo que já havia sido alertado nos relatórios enviados pelos observadores militares. Brayner (1968, p. 116-117) relata que, durante uma formatura de um curso ministrado pelos norte-americanos, era visível o estado precário das fardas dos oficiais brasileiros participantes do mesmo.



O 1º escalão também estava desarmado e desequipado. Era preciso ser feita alguma coisa, e, de acordo com as palavras do coronel Brayner, ele conversou com o general Mascarenhas para entrarem em contato com a PBS, após receberem orientações dos oficiais de ligação dos EUA (Brayner, 1968, p.117). Os dois participaram de um jantar, no dia 25 de julho, com o general Wilson, chefe da PBS, e foi uma boa indicação do que viria a ocorrer (Moraes, 2014, p. 186): “[...] e a palestra correu cordial e agradável, sem, contudo, demonstrar aquele chefe militar o devido interesse pela situação de nossa tropa”.

No dia seguinte, o comandante da FEB, e os coronéis Brayner e Pacca, responsável pela Base Brasileira, foram em direção a Caserta, para uma entrevista com o general Thomas B. Larkin, comandante do *Service of Supply* (SOS), para tratar de assuntos referentes aos equipamentos e alimentação da tropa brasileira. O general Larkin era a maior autoridade dos EUA, na região, responsável pelo aprovisionamento para as unidades. Após as apresentações iniciais, a comitiva brasileira apresentou ao general norte-americano, uma requisição de tudo que necessitava. A recepção não foi boa:

Recebi da parte dessa alta autoridade americana tratamento pouco cortês, que muito me amargurou por não poder justificar faltas da alta administração da guerra no Brasil, pelas quais eu assumia naquele momento toda a responsabilidade (Moraes, 2014, p. 186).

O encontro com o general comandante da SOS foi constrangedor, conforme os relatos feitos pelo coronel Brayner (1968, p. 118-123):

O general da PBS quis nos fazer uma recriminação por desconhecermos as finalidades de sua Grande Base. Não era destinada ao aparelhamento das Unidades que chegavam. As Grandes Unidades Americanas, após seu primeiro estágio na região de Oran, no Norte da África, deslocavam-se para o front completamente aparelhadas (Brayner, 1968, p. 121).

E quanto ao pedido de fuzis *Garand* para a FEB:

O General-Comandante da PBS cortou largamente o nosso pedido. No referente ao armamento, resolveu fornecer apenas fuzis Springfield, tipo antiquado, inferior ao nosso Mauser 1908. Recusaram o *Garand* semi-automático, empregado pelos norte-americanos em ação, que dava uma potência de fogo muito maior e pequenas unidades de Infantaria. Recusávamo-nos a receber, inicialmente, o fuzil de repetição, apesar das explicações que assim se resumiam: Muitas divisões americanas estavam dotadas de Springfield. A fabricação do *Garand* ainda era insuficiente. A preferência continuava sendo para as tropas que lutavam na Normandia.

[...] Para nós, a distribuição do Springfield era uma demonstração desprezo. Atingia a tropa do 1º Escalão e se reproduziria nas demais. Seria a absoluta inferiorização da nossa Divisão diante de um inimigo superdotado de armas automáticas. Seria a nossa desmoralização antecipada.

A verdade é que os generais Devers, Larkin e Wilson, estavam muito atarefados com a Operação Dragão, envolvendo milhares de soldados e viaturas, e que teria início no dia 15 de agosto, um mês após a chegada da FEB. Devers estava participando do planejamento da operação,



e os outros dois foram encarregados de abastecê-la, além de terem que prover as tropas que combatiam no *front* italiano. Os números envolvidos no planejamento daquela operação, sejam humanos ou materiais, são bastante significativos. A prioridade, naquele momento, era o abastecimento do VII Exército dos EUA, e as muitas unidades francesas que participariam da invasão da França. Navegação deles, equipar e treinar a FEB, não estava entre as necessidades mais importantes. Mas, nunca deve ser esquecido que a FEB foi enviada para a Itália, e não para o norte da África, pelo Governo dos Estados Unidos.

Em 1960, 15 anos após o final da guerra, o marechal Mascarenhas de Moraes, na segunda edição de sua obra, *A FEB pelo seu Comandante*, utilizou o subtítulo “Perspectivas Sombrias” para descrever como viu a chegada da FEB na Itália. Ele enalteceu o trabalho realizado pelos observadores militares brasileiros. É importante salientar que este subtítulo está ausente da primeira versão da obra do ano de 1947, e da versão de 2005. Provavelmente, o marechal na edição de 1947, não colocou este subtítulo, porque o general Dutra era o presidente da República:

Perspectivas Sombrias

Os expedicionários brasileiros, mal preparados psicologicamente, sofreram e venceram, mais que quaisquer outros, desde a travessia do Atlântico até a frente de batalha, situações difíceis e vexatórias, que se sucediam continuamente diante do desconhecido da guerra. As autoridades americanas se decepcionaram com o insuficiente estado sanitário da primeira tropa brasileira desembarcada em território italiano e continuaram a se decepcionar com a imprestabilidade dos uniformes, agasalhos e calçados dos brasileiros, socorridos em tempo pela ação pessoal do General Mark Clark, comandante do V Exército. As autoridades militares brasileiras se fizeram surdas, no Brasil, às informações colhidas em dezembro de 1943, pelo “Grupo de Observadores Militares”, enviados a Itália e África do Norte, e a outros dados não menos importantes comunicados pelos oficiais brasileiros junto ao V Exército. Era sob esse vexame injustificável que a tropa brasileira iniciaria, em setembro de 1944, suas operações de guerra: armamento e munição americanos, calçado e agasalhos americanos, alimentação, quase toda americana, pois até o café, cujo grão provinha do Brasil, não podia ser aproveitado por falta de aparelhagem para torrar e moer (Moraes, 1960, p. 31).

Alguns anos depois, em 1968, o comandante brasileiro, ainda demonstrando a sua insatisfação com os acontecimentos ocorridos na chegada da FEB, acrescentaria mais um parágrafo ao texto acima, demonstrando a gravidade da situação enfrentada pelo 1º escalão da FEB:

Relativamente aos uniformes, convém salientar que além da má qualidade e péssimo acabamento - impróprios para temperaturas tão baixas - tinham o inconveniente de muito se assemelharem, pela cor, aos do inimigo, provocando perigosas confusões entre os combatentes, em particular para a aviação, os observadores de artilharia e para nossos aliados, os quais, no ardor do combate, poderiam tomar-nos como adversários (Moraes, 1969, p. 124).

Ao término deste trabalho, fica uma interrogação: até que ponto os acontecimentos (alguns deles lamentáveis) havidos na chegada da FEB à Itália, e também a outros ocorridos até o final da Segunda Guerra Mundial, não influenciaram na negativa do Brasil em permanecer com a FEB como tropa de ocupação na Áustria no pós-guerra?



CONCLUSÃO

O processo de alinhamento militar do Brasil com os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial foi lento e cheio de desconfianças, mas culminou com o envio da Força Expedicionária Brasileira para a frente de combate, onde nossos soldados, apesar de todas as dificuldades encontradas, deram uma importante contribuição para o esforço de guerra Aliado na Itália.

A questão é que, pelas pesquisas realizadas, a situação poderia ter ocorrido de uma maneira diferente. A formação da Força Expedicionária Brasileira levou nosso país a necessitar de todo o apoio militar possível dos EUA. O Brasil era um país carente de recursos para treinar, e equipar uma tropa em condições de participar do maior conflito bélico da História. Infelizmente, apesar de toda negociação ocorrida entre os dois países, os EUA, por vários motivos, tiveram certa dificuldade em prover a FEB. Basta ler as obras do marechal Mascarenhas de Moraes para se ter um conhecimento sobre este assunto.

Outro ponto questionável foi a respeito do embarque da FEB, não para o norte da África, mas para a Itália. Em nossa opinião, a FEB deveria ter sido enviada para aquele local, que possuía as melhores condições para o seu aquartelamento, onde seria treinada e equipada, e depois enviada para a Itália, mesmo sabendo que o norte da África abrigava unidades francesas que participaram da Operação Dragão. Militares brasileiros e norte-americanos, no dia do embarque do 1º escalão, 2 de julho de 1944, aguardavam a chegada dos soldados brasileiros na Argélia. A questão da disponibilidade de navios de transporte para levar a FEB, mais tarde, deste local para a Itália, não nos parece ser importante. O 1º Escalão da FEB foi jogado no olho do furacão, chegando à Itália no momento em que uma das maiores operações da guerra, a Operação Dragão, estava sendo preparada para ser executada. Um erro muito grave do governo e Exército dos Estados Unidos, que poderiam ter evitado toda a situação que veio a ocorrer.

A cidade de Nápoles não estava preparada para receber a FEB. O sistema de abastecimento do Exército dos EUA, naquela região, também não estava em condições de prover a tropa brasileira, pois uma de suas prioridades era equipar as tropas do VII Exército que participariam da invasão do sul da França, além de continuar a suprir as unidades que aliadas que combatiam no *front* italiano. A procura de equipamento bélico pelo Comando da FEB gerou situações constrangedoras.

Por fim, é importante realçar a respeito da atuação dos observadores militares brasileiros, que apesar de seus relatórios quanto a questões como a má qualidade de nossos uniformes, dificuldades no recebimento do material bélico dos Estados Unidos, e outras informações valiosas, são desconhecidos em nossa História Militar. É necessário que isso seja mudado.

Todas as dificuldades que a FEB passou durante o seu período inicial na Itália, contribuíram para o seu fortalecimento. A tropa brasileira superou inúmeros obstáculos, e ficou em condições de enfrentar, e vencer, um poderoso e experiente inimigo, dando a sua contribuição para a vitória dos Aliados.



BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Vagner Camilo. *Da Itália à Coreia: decisões sobre ir ou não guerra*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.
- BRAYNER, Floriano de Lima. *A verdade sobre a FEB*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.
- CAMINHA, Luiz Ernani Caminha Giorgis. *O dia a dia da FEB na 2ª Guerra Mundial*. Porto Alegre: Edições Renascença, 2015.
- CONN, Stetson; FAIRCHILD, Byron. *A estrutura de defesa do Hemisfério Ocidental*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000.
- LATFALLA, Giovanni. *Segunda Guerra Mundial: propostas para o emprego de tropas do Brasil*. Juiz de Fora: Editar, 2022.
- LATFALLA, Giovanni. *FEB, missões e observadores militares*. Juiz de Fora: Editar, 2023a.
- LATFALLA, Giovanni. *Relações Militares Brasil-EUA 1939-1943*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2023b.
- LEITE, Mauro Renault; JÚNIOR, Novelli. *Marechal Eurico Gaspar Dutra: o dever da verdade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- MCCANN, Frank D. *Aliança Brasil-Estados Unidos 1937-1945*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.
- MATTOS, Carlos de Meira. *O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983.
- MEYER, Leo J. *"The Decision to Invade North Africa," Command Decisions*. Edited by Kent. Roberts Greenfield. Washington: Center of Military History, 2000.
- MORAES, Antônio Henrique Almeida de. *No Teatro de Operações do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert e Biblioteca do Exército, 1953.
- MORAES, João Baptista Mascarenhas. *Memórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1969.
- MORAES, João Baptista Mascarenhas. *A FEB pelo seu comandante*. Rio de Janeiro: Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias (EGGCF), 1960, 2ª edição.
- MORAES, João Baptista Mascarenhas. *A FEB pelo seu comandante*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.
- SILVA, Hélio. 1944: *O Brasil na guerra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- TAVARES, Aurélio de Lyra. *O Brasil de minha geração*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976.

ARQUIVOS

- Arquivo Histórico do Exército (AHEx)
- Biblioteca Nacional
- CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas.
- Foreign Relations of the United States* - FRUS
- Franklin D. Roosevelt, Papers as President: The President's Secretary's*
- National Archives II* – Maryland, Estados Unidos.



INTERNET

Facebook – V de Vitória

The United States Seventh Army Report of Operations: France and Germany: 1944-1945.

Report by the Supreme Allied Commander Mediterranean to the Combined Chiefs of Staff on the Operations in Southern France.



Giovanni Latfalla é tenente-coronel do Quadro Complementar de Oficiais do Exército. Doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro-Universidade Cândido Mendes, mestre em História pela Universidade Severino Sombra. Ex-professor de História dos Colégios Militares do Recife, Rio de Janeiro e Juiz de Fora. Autor dos livros *Relações Militares Brasil-Estados Unidos 1939/1943*, *Segunda Guerra Mundial: propostas para o emprego de tropas do Brasil e FEB*, *Missões e Observadores Militares*.

ID Lattes: 9061294308472988